

# **PRODUÇÕES ARTÍSTICO/CULTURAIS EM ABRIGOS DE IMIGRANTES/REFUGIADOS VENEZUELANOS EM BOA VISTA/RR<sup>1</sup>**

Profa. Dra. Leila Adriana Baptaglin- UFRR-Roraima/Brasil

Profa. Dra. Luciana Hartmann – UNB- Brasília/Brasil

**Palavras-chave:** imigração; abrigos; ações culturais/artísticas

## **Apresentação**

No século XXI evidenciamos que os processos migratórios têm se intensificado e, no Brasil não é diferente. A partir de 2016-2017, Roraima foi um dos estados brasileiros que passou a receber inúmeros imigrantes/refugiados venezuelanos impactando diretamente na cultura organizacional da cidade.

Em nossa atuação, da primeira autora, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Roraima/UFRR, a presença da temática da migração tornou-se inegável. Desta forma, temos mobilizado ações tanto de extensão quanto de pesquisa que envolvem essa temática bem como esses sujeitos imigrantes/refugiados.

Assim, alinhada às investigações desenvolvidas no pós-doutoramento na Linha de pesquisa “Cultura e Saberes em Artes Cênicas” do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, onde a segunda autora atua, esta investigação adentra na perspectiva cultural e educacional a partir do momento em que busca “Compreender como a cultura organizacional se relaciona com as metodologias de ensino/aprendizagem artística desenvolvidas nos abrigos de imigrantes/refugiados em Boa Vista - Roraima/Brasil”.

Diante deste objetivo, o problema de pesquisa busca responder “Quais as produções artístico/culturais são desenvolvidas nos abrigos de imigrantes/refugiados em Boa Vista - Roraima/Brasil?”.

Este projeto parte de uma perspectiva de investigação etnográfica que tem por previsão de durabilidade um ano onde buscaremos estabelecer um contato direto com os abrigos de recepção de imigrantes/refugiados em Boa Vista/RR. A pesquisa etnográfica

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

“é literalmente a descrição de culturas ou de grupos de pessoas que são percebidas como portadoras de um grau de unidade cultural” (Cançado, 1994, p. 1).

Destacamos ainda, a perspectiva da pesquisa enquanto proposta de entendimento do protagonismo dos sujeitos que vivem o espaço dos abrigos. E é nessa perspectiva que buscaremos observar as ações desenvolvidas nos abrigos, tentando compreender como essas narrativas são acionadas a partir do trabalho artístico. Destacamos, contudo, que essa parte, é a primeira etapa de investigação. Neste sentido, trabalhamos no contato com os coordenadores/responsáveis dos abrigos a fim de entender essa cultura organizacional e quais ações artístico/culturais são desenvolvidas no Abrigo Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko.

No contato com os abrigos, a primeira etapa pautou-se na entrevista com os coordenadores/representantes e, a partir disso, a elaboração de um mapeamento das ações culturais/artísticas que são desenvolvidas nestes espaços. Essa etapa foi realizada no mês de setembro de 2023 tendo duração de aproximadamente 2h de visita e entrevista em cada abrigo. Destacamos também, que o projeto foi aprovado pelo Comitê de ética e passou por todas as aprovações do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, da ACNUR, da AVSI, Fraternidade sem Fronteiras e dos sujeitos participantes das entrevistas.

Para a análise das entrevistas com os coordenadores/representantes dos abrigos, trabalhamos na perspectiva da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) atendendo às etapas: Pré-análise; Exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nessas etapas construímos algumas categorias de análise, contudo, neste trabalho discutiremos a categoria: Projetos artístico/culturais.

### **Caminhos trilhados**

Em uma análise acerca da primeira etapa da investigação pautada na entrevista com os coordenadores dos abrigos, destacamos que a autorização foi dada para acesso à 5 dos 6 abrigos, sendo eles (Pricumã, Rondon 1, Rondon 5, Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko). Esta etapa foi bastante demorada, cerca de 8 meses, começando pelo processo de autorização da pesquisa pelo Ministério do desenvolvimento e Assistência Social. Assim, a pesquisa deu início no mês de agosto de 2023. Com a aprovação da pesquisa, iniciamos o contato com o território, a equipe local da ACNUR que nos colocou em comunicação com os representantes dos abrigos e nos possibilitou a realização das entrevistas.

Após o contato telefônico, marcamos a entrevista em cada um dos abrigos o que possibilitou nossa interação e nossa observação dos espaços. Destacamos que as entrevistas foram realizadas no mês de setembro de 2023 e, muitos dos dados relativos às ações são referentes a esse período. Isso é importante de ser destacado devido a constante mudança das ações desenvolvidas nestes espaços.

Na entrevista com os coordenadores/representantes dos abrigos, partimos de um roteiro pré-estabelecido que nos possibilitou a elaboração de uma planilha com dados centrais das ações culturais/artísticas que são desenvolvidas nestes espaços.

Destacamos que, dos 05 abrigos, 2 são indígenas venezuelanos e 3 são de imigrantes/refugiados venezuelanos. Esta organização foi realizada no ano de 2022, após um agrupamento de mais de 15 abrigos existentes no estado, sendo então, assim apresentada: Abrigos indígenas (Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko); Alojamento (Rondon 02); Interiorização (Rondon 05); Moradias (Rondon 01 e Pricumã). No que tange à ocupação dos espaços, segundo os dados da UNHCR-ACNUR (2023), todos os abrigos estão com uma ocupação igual ou superior a 80%.

Dos abrigos investigados, temos que são coordenados pela AVSI (3 dos abrigos pesquisados) e Fraternidade sem Fronteiras (2 dos abrigos pesquisados). Dos abrigos investigados, todos são de responsabilidade do Governo Federal em parceria com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e o Exército Brasileiro.

Nos abrigos coordenados pela AVSI, em Boa Vista, temos o Rondon 1 que é considerado o maior abrigo da América Latina atendendo famílias e população em geral. O Waraotuma a Tuaranoko é um dos abrigos indígenas e atende pessoas de várias etnias como Warao, Remon, Kariña, Curipaco, Jivi, Wayúu, E'ñepá e Yekuana. Já o Rondon 5 é nomeado de centro de interiorização que é destinado para as pessoas que estão direcionadas para a interiorização, apresenta assim, estratégia de interiorização e formação para atuação dos sujeitos nos novos estados brasileiros (AVSI, 2023<sup>2</sup>). Cabe destacar que o processo de interiorização é realizado pelo Subcomitê Federal para Acolhimento e Interiorização de Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade (SUFAI) e tem como os três pilares da Operação Acolhida (Ordenamento da Fronteira Brasil-Venezuela; Abrigamento / Acolhimento de imigrantes da Venezuela; e Interiorização dos imigrantes) (Ministério da defesa, 2022). Segundo a Assistente de Proteção de Base

---

<sup>2</sup> <https://www.avsi.org.br/projeto/centros-de-abrigod-e-assistencia-multisetoria-de-venezuelanos/>

Comunitária - APBC-R5 e os princípios estabelecidos pela UNHCR-ACNUR (2023), temos 4 modalidades de interiorização.

- Abrigo – abrigo (institucional que eles vão deste abrigo, para ir para outro abrigo, que não é igual a esse, mas só tem 3 meses para sair, são para pessoas que não tem nenhum tipo de ajuda de amigos, familiares).
- Reunião social (eu tenho um amigo e ele faz um pedido)
- Reunião familiar (a família faz um pedido e a gente faz uma reunião)
- VES – Vaga de emprego sinalizada (quando a pessoa vai com uma vaga de emprego) (APBC-R5, 2023).

Os abrigos coordenados pela Fraternidade sem Fronteiras, em Boa Vista/RR, percebemos um olhar atento para a sua missão “Vivenciar e incentivar a prática da fraternidade, sem restrições étnicas, geográficas ou religiosas, amparando prioritariamente crianças e jovens em situação de vulnerabilidade ou risco social” e, em “Roraima, acolhemos famílias refugiadas e migrantes da Venezuela, que atravessaram a fronteira para o Brasil em busca de uma nova oportunidade de vida” (FSF, 2023)<sup>3</sup>. O abrigo Pricumã atende famílias e população em geral já, o abrigo Jardim Floresta, outro abrigo indígena, atende etnias como: Warao, Eñeapá, Kariña, Guajiro, Akawaio e Pemon/Taurepang.

Segundo as entrevistas realizadas com os coordenadores/representantes dos 5 abrigos, todos eles destacam o protagonismo da comunidade que vive no abrigo.

Na análise das entrevistas, buscamos trabalhar a categoria: **Projetos artístico/culturais** desenvolvidos. Assim, destacamos que, além dos projetos específicos de cada abrigo, a existência de projetos como: Instituto Pirilampos<sup>4</sup> (escolarização/ensino-aprendizado das crianças).

---

<sup>3</sup> <https://www.fraternidadesemfronteiras.org.br/fsf/>

<sup>4</sup> <https://institutopirilampos.org.br/>

Tabela 01 – Projetos artístico/culturais desenvolvidos nos abrigos – setembro 2023.

ABRIGOS	Entrevistados	Coordenação do abrigo	Número de moradores	Projetos de Cultura/Artes	Promoção
Rondon 01	APBC <sup>5</sup> -R1	AVSI	2.138	Oficina de dança	Morador do Abrigo
Rondon 05	APBC-R5	AVSI	885	Oficina de material reciclável	Assistente de Proteção de Base Comunitária
				Transformers _dança e música	Moradores do Abrigo
Pricumã	GP-P APBC-P	Fraternidade sem Fronteiras	1.255	Oficinas de Pintura	Moradores do Abrigo
				Oficinas de música	Assistente de Proteção de Base Comunitária
				Cinema	Comunidade
Jardim Floresta	C-JF GP-JF	Fraternidade sem Fronteiras	431		
Waraotuma a Tuaranoko	C-WT APBC-WT	AVSI	1.278		

Segundo nossa interlocutora a APBC-R1, destaca que

Eles trabalham de crianças até adolescentes, eles têm aulas, eles fornecem aulas e quando tem alguma atividade em específico, como por exemplo o Dia das Crianças, vamos propor algumas atividades em conjunto então a gente faz essa atuação conjunta. Mas eles são bem específicos, eles têm o espaço onde eles dão aulas com as crianças e a gente faz as nossas ações em separado, algumas atividades a gente faz em conjunto, mas eles já têm um cronograma fixo de atividades que eles precisam cumprir (APBC-R1, 2023).

Cabe destacar que o Instituto Pirilampos atua nos 5 abrigos investigados e apresenta uma estrutura distinta e independente dos abrigos. O projeto *Mi Casa su Casa*<sup>6</sup> (projetos de leitura, arrecadação de livros e criação de bibliotecas) está presente em no Abrigo Rondon 1 (2021), nos abrigos do Pricumã (2022) e no ano de 2023 foi instalada uma biblioteca no abrigo Jardim Floresta.

Ainda, nos abrigos indígenas temos os projetos voltados para o Artesanato indígena (missangas e artefatos de palha de buriti).

<sup>5</sup> A identificação dos sujeitos participantes ser dará pela abreviação de suas funções e do abrigo que trabalham. Assim, Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC); Gestão de Proteção (GP) e Coordenador (C).

<sup>6</sup> <https://conteudo.jornaljoca.com.br/mi-casa#rd-section-kn7v9fyk>

Ao que cabe às ações culturais/artísticas, evidenciamos que nos abrigos indígenas não há projetos recorrentes/estruturados embora a APBC – WT destaque que “Tem interesse grande na comunidade pela parte artística”.

O que vemos sim, é uma parceria dos dois abrigos indígenas com A Casa Museu do Objeto Brasileiro, que oferece treinamentos para produção de artesanatos. “O crescimento do projeto possibilitou que mais de 60 novos artesãos fossem incluídos no projeto, agora participando de atividades de educação financeira e criação de associações de artesãos com o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados e outros parceiros locais” (Sibahi, 2023). O APBC-JF destaca que a parceria é feita com os indígenas Warao, mas já está sendo formalizada uma parceria para o desenvolvimento do artesanato dos Eñepá.

Os Eñepá eles trabalham mais com bijuteria, colar, pulseira, chaveiro, trabalham com madeira, arco, flexa. Isso é mais que tudo feito por eles. Trabalham com sementes, eles furam. E na questão da autonomia, nas técnicas de venda, os Eñepá são mais independentes. Eles se mobilizam muito, se deslocam muito para venda, eles vão para Lethen, para Pacaraima (APBC- JF,2023).

Esta autonomia dos Eñepá faz com que eles consigam se mobilizar em sua produção e venda, mas também contam com o apoio, parceria e a formação para a produção artesanal do

Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI) coordenado pela Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI) em parceria com a Operação Acolhida. O CCFI “tem como objetivo promover um espaço seguro e pacífico no qual indígenas migrantes e refugiados e indígenas de etnias locais tenham a oportunidade de construir uma vida mais digna” (CCFI, 2023). O CCFI é um local específico, fora dos abrigos, localizado nas proximidades do abrigo Jardim Floresta, mas que atende a população indígena e busca fazer formação para o trabalho artesanal e cultural.

Já nos demais abrigos, evidenciamos projetos artísticos/culturais que são desenvolvidos e são apresentados no Dia da Comunidade, um dia especial para confraternização e apresentação dos trabalhos artísticos para a comunidade do abrigo. Pudemos participar em um destes dias no abrigo Pricumã onde o evento foi chamado de Mormaço Cultural do Abrigo Pricumã – outubro de 2023. O nome Mormaço se refere também ao evento que a prefeitura municipal estava programando na mesma semana com atrações nacionais no Parque do Rio Branco servindo assim, de uma réplica realizada pelos abrigados referendando uma atração municipal. Neste dia estavam expostas algumas obras/pinturas de um dos pintores do abrigo e foi realizada a apresentação de

música coordenada pelo APBC-P. Percebemos que este evento é uma forma de integração da comunidade que os sujeitos se reúnem no espaço de confraternização, geralmente é o mesmo lugar que o refeitório. Para este dia acontecer, várias ações de artes/cultura são mobilizadas pelos Comitês e, em especial o Comitê Cultural. Assim, podemos destacar que nos 5 abrigos investigados temos ações como a Oficina de Dança (bailoterapia), Oficina de material reciclável, Transformers – dança e música, Oficina de Pintura e Cinema, que são desenvolvidos pelos membros do Comitê Cultural e ainda, os projetos de material reciclável e Oficina de música que são coordenados pelos APBC.

No abrigo Rondon 1, temos a Oficina de Dança (bailoterapia) que é realizada por um morador dançarino venezuelano. Cabe destacar, que esses projetos são operacionalizados a partir de uma parceria dos APBC junto com a comunidade.

Como atuamos nessa questão da Base Comunitária, a gente tem, entre aspas “um poder” de criar projetos. Então, [...] a gente consegue realmente ver temáticas e elaborar um projeto e a gente consegue apresentar para o Comitê que a gente corresponde. É que nem esse projeto desse instrutor de dança, ele já tinha essa bagagem então ele fazia isso na Venezuela e ele elaborou um projeto que se chama “bailoterapia”. Então a gente escreve o projeto, apresenta e com apoio a gente consegue executar. Como a gente tem essa pegada com a comunidade a gente consegue notar uma falta de atividade nesse ramo. Então a gente tem esse poder de fazer um projeto e executá-lo. Como são projetos “pequenos” a gente consegue executar (APBC-R1, 2023).

Este projeto, assim como muitos que são executados pelo Comitê de Cultura são voltados para a comunidade toda, não tendo, necessariamente, uma especificação de faixa etária ou público, exceto questões pontuais como a proposta que está sendo pensada por este mesmo instrutor da dança

Inclusive, esse mesmo instrutor de bailoterapia, ele está com uma proposta de fazer, junto com o grupo de grávidas, uma série de atividades. Então ele vai fazer seção de Yoga, ele vai fazer pinturas nas barrigas delas, canções de interação com as mães. Eles veem a necessidade e trazem propostas para a gente e ver se é viável ou não é viável e apoia nas demandas que eles trazem (APBC-R1, 2023).

Neste cenário, vemos que há um incentivo dos APBC, contudo, quem realiza e quem coordena as ações da dança (bailoterapia) é o dançarino. Percebemos assim, o papel de protagonista deste migrante onde, segundo Gomes (2019, p. 13) podemos destacar que o “Ser protagonista implica na tomada de posição de sujeito social ativo, que age e reage com e em relação ao outro (presente ou não na cena da ação)” identificando possibilidades e aberturas de atuação e apoio à comunidade interna aos abrigos.

No abrigo Rondon 5 vemos a mesma proposta de protagonismo dos moradores, contudo a APBC-R5 destaca que, por ser um abrigo de passagem, muitas das ações acabam durando pouco tempo assim, ela acaba coordenando algumas para ter um fluxo contínuo. As Oficinas de Material reciclável são oferecidas pela APBC-R5 e ela nos coloca que

Temos as oficinas de material reciclável que nós mesmo que fazemos com adolescentes e adultos, nós mesmos da AVSI. Com os adolescentes no projeto Transformers, a gente trabalha dança. Alguma pessoa da comunidade que saiba, a gente vai e ensina para os adolescentes. A gente trabalha música, tem professora de música e ela ensina para eles. A gente faz alguns corais também para eles já irem pegando o jeito da música e depois fazerem a apresentação. A gente trabalhou também nesse mês, Fotografia. Um curso de fotografia que foi feito pela AVSI pela menina que é encarregada da Rádio- a voz dos refugiados. Ela veio ensinar para eles como trabalhar com a fotografia. Ela veio ensinar também, como faz o negócio da rádio, que pertence ao Comitê da rádio, aí tem que ensinar e dar todo aquele como fazer, roteiro, todas essas coisas (APBC-R5, 2023).

Ao que se refere à execução de projetos por sujeitos externos, a APBC-R5 destaca também que

Sim, temos parceiros. Dependendo da situação, o tema, nós contamos com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), temos a “Ela pode” que vem fazer cursos de empreendedorismo feminino. Ai quando a gente monta essa turma a gente contata a ACNUR, pede autorização das pessoas e na data ela vem faz o curso, entrega o certificado (APBC-R5, 2023).

Fica claro assim, que todo projeto externo executado nos abrigos precisa de autorização superior passando pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, ACNUR e AVSI ou Fraternidade sem Fronteiras, até chegar aos abrigos.

No abrigo do Pricumã, foi onde identificamos um maior número de ações e envolvimento com o trabalho com cultura/arte e foi onde realizamos um acompanhamento maior das ações. A Oficina de Pintura é realizada por um casal de artistas venezuelanos que, após 7 meses de moradia no abrigo conseguiram promover um projeto para trabalhar com pintura. A ação é realizada 3 vezes por semana e aberta para o público em geral, contudo, quem mais participa são crianças e jovens de 4 a 18 anos.

O artista destaca que o trabalho com a pintura é um espaço de ajuda psicológica para a criança.

Es lamentable, la vinda de la gente para acá, para Perú, para otros países, ha sido traumático. Los niños más están confundidos. Cuando llegan en la carpa, el problema es mayor. Estamos haciendo una comparación con la carpita acá ellos vienen y nos llaman, profesor, profesor. En una comparación, ellos están metidos en una burbuja e en esta burbuja hay un rato de felicidad. Aquí ellos se sienten acollidos, ellos se quedan aquí escuchando. Pero esto es una



hora, dos horas, pero son 12, 14 horas en el problema. Esto es como una cura (Artista-P, 2023).

No acompanhamento das ações desenvolvidas por eles no abrigo, percebemos que eles partem de uma proposta de aprendizado da técnica da pintura, mas também e principalmente, de um acompanhamento das crianças.

Primeramente, nosotros hicimos una simples prueba que hago una raya y le digo, en esta raya que ello haga o que venga en su mente. Y dependiendo do que el hace yo hago un balance que le pueda tener una oportunidad. No tenemos tiempo para aceptarnos a todos. Primeramente, hay que hacer una prueba, una prueba rápida. Esto es muy importante, las colores, la perspectiva (Artista-P, 2023).

Esta ação é necessária para a proposta que o casal desenvolve a fim de “filtrar” algumas crianças tendo em vista que a demanda é muito grande dentro do abrigo.

Outra ação realizada é a Oficina de música que é feita no turno noturno e coordenada pelo APBC-P que desenvolve atividades de coral, violão e percussão. No dia da Comunidade que participamos pudemos verificar a apresentação das crianças e adolescentes. Eles são incentivados ao trabalho com músicas venezuelanas e brasileiras buscando a integração cultural.

Já a atividade do Cinema é uma ação desenvolvida pelo Comitê de entretenimento. Segundo a GP-P

Tem o cinema de noite, os filmes são de acordo com o que a comunidade vai pedindo, hoje o foco para os idosos, eles procuram filmes para os idosos ou que deem uma esperança, tipo seção da tarde, só que é de noite que acontece o Cinema (GP-P, 2023).

Estas ações fazem parte da integração comunitária e dão visibilidade para as demandas da comunidade dos abrigos assim como, dão maior leveza ao trabalho desenvolvido pelos APBC que atuam em várias frentes nos abrigos.

### **Considerações finais**

Com o objetivo de analisar as produções artístico/culturais desenvolvidas nos abrigos de imigrantes/refugiados em Boa Vista - Roraima/Brasil, na primeira etapa desta investigação, pautada na entrevista com os coordenadores/representantes de 5 abrigos em Boa Vista/RR, evidenciamos que há um protagonismo da comunidade que vive no abrigo e que é feita a partir dos Comitês e dos Grupos focais.

As ações culturais/artísticas ficam à cargo do Comitê de Cultura que é composta por um APBC e pela comunidade do abrigo. Assim, as ações surgem a partir da demanda da comunidade e são mobilizadas por moradores que apresentem conhecimento sobre. Ao longo da investigação compreendemos que a estrutura dos abrigos proporciona uma mobilização distinta que requer a interação com os sujeitos da comunidade. Isso, pois há um fluxo bastante grande de entrada e saída de pessoas nos abrigos e isso faz com que a cada período novas ações passem a ser mobilizadas. Com isso, percebemos que há um protagonismo e uma valorização dos saberes culturais/artísticos da comunidade, contudo pela constante rotatividade, pouco se consegue de aprofundamento e/ou continuidade.

### Referências

BARBOSA, A. M. A importância do ensino das artes na escola. Entrevista concedida a Beatriz Morrone. **Revista Época**, 2006. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/86132/51634>>. Acesso em: 15 de jul. 2022.

CAÇADO. M. **Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula**. Campinas, 1994. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639221/6817>> , Acesso em: 20 de out. 2022.

CCFI. Disponível em: <Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI) - Fraternidade Missões Humanitárias Internacionais (missoeshumanitarias.org)>. Disponível em: 30/10/2023.

CROZATTI, Jaime. **Modelo de gestão e cultura organizacional: conceitos e interações**. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/cest/a/Y39WBST4Nv345M6JBRH7QMp/?lang=pt#>>. Acesso em: 30/10/2023.

FLEURY, Maria T. Leme. Estórias, mitos, heróis - cultura organizacional e relações de trabalho. **RAE -Revista de administração de empresas**. Rio de Janeiro, v.27, n.4, out./dez. 1987.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. *Filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 5n. 2, p.10-21, mar./ago. 2019. Disponível em:

<<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4046>>. Acesso em: 30/10/2023.

HARTMANN, L. **Crianças contadoras de histórias**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2021. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr.html>>. Acesso em: 22 de jun. 2022.

MARTINS, M. C. Mediação: provocações estéticas. In: Martins, M. C.; Picosque, F. D. Giza; Guerra, M. T. T. **Teoria e prática do ensino de Arte: a língua do mundo**. São Paulo: Pós-graduação do Instituto de Artes/Unesp, 2006.

Ministério da defesa/Operação acolhida. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/exercicios-e-operacoes/acoes-humanitarias/operacao-acolhida>>. Acesso em: 30/10/2023.

O Globo. **Número de venezuelanos entrando no Brasil por Roraima aumenta 23,40% no 1º trimestre do ano, diz Casa Civil**. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2023/06/27/numero-de-venezuelanos-entrando-no-brasil-por-roraima-aumenta-2340percent-no-1o-trimestre-do-ano-diz-casa-civil.ghtml>>. Acesso em: 30/10/2023.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Orgs.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

RIKILS, F. Imigrantes Venezuelanos no Município de Boa Vista - Roraima e as Políticas Públicas Sociais, **Dissertação** (Mestrado em Direito), 2019.

SABAHI, Pedro. **Maior abrigo indígena da América Latina completa 100 dias no Dia Mundial do Refugiado, em Boa Vista**. 2022. Disponível em: <Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/17/maior-abrigo-indigena-da-america-latina-completa-100-dias-no-dia-mundial-do-refugiado-em-boa-vista/>>. Acesso em: 30/10/2023.

UNHCR-ACNUR. **Conheça a estratégia que já transformou a vida de 50 mil refugiados e migrantes venezuelanos no Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/04/20/conheca-a-estrategia-que-ja-transformou-a-vida-de-50-mil-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-no-brasil/>. Acesso em: 29/10/2023.

UNHCR-ACNUR. **Perfil dos abrigos em Roraima**. 2023. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZTRhOWVlOTgtYTlk2MS00YmY3LWEyY2YtMGM1Y2MzODFjMmVjliwidCI6ImU1YzZM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTBjLT Y1NDNkMmFmODBiZSI6ImMiOjh9>>. Acesso em: 26/04/ 2023.

UNICEF. **Crise migratória venezuelana no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>>. Acesso em: 31 de fev. 2021.